

A FRANÇA VOTA

As contradições de Lyon, esperança socialista

Cidade tem história ligada à esquerda, mas Ségolène Royal enfrenta dificuldades para convencer eleitores

Deborah Berlinck

Enviada especial

• LYON. Dizem alguns franceses que Lyon abriga a esquerda mais burguesa da França. Depois de um longo trajeto pela Côte d'Azur e pela Provença — onde tudo parece caminhar para a direita — aqui pelo menos a prefeitura está na mão dos socialistas. Lyon é uma cidade importante para a economia da França: é pólo de setores que contribuíram para a reputação internacional do país, como as indústrias mecânica, têxtil, química e farmacêutica. É a principal cidade do departamento do Rhône, região que contribui com 10% do PIB do país.

Mas Lyon é também uma cidade-chave para Ségolène Royal, a candidata do Partido Socialista. Foi aqui que ela escolheu a sua porta-voz mais simbólica: Najat Belkacem, uma francesa nascida no Marrocos.

A três dias do primeiro turno das eleições presidenciais de domingo, os militantes de esquerda de Lyon correm contra o relógio para impedir que a cidade seja tragada pela onda de direita que parece tomar conta do país. E é no famoso bairro da Croix Rousse que a resistência se organiza. Situação no alto de uma colina, o bairro ocupa um lugar especial na história: foi aqui que houve a primeira rebelião operária da França, a revolta de 1831 dos *canuts*, como eram conhecidos os tecedores de seda. A revolta durou três dias e fez 600 vítimas, das quais 100 morreram.

Sarkozy cancela visita a Lyon para evitar confronto

Os moradores do bairro cultivam até hoje esta fama de berço da resistência operária. Aqui, historicamente, a esquerda milita e grita. Foi na Croix Rousse que o anarquista russo Bakunin lançou, em 1870, um apelo à revolução internacional. Mas Nicolas Sar-



kozy, o candidato às eleições presidenciais pela UMP, o partido da direita, menosprezou este “detalhe” histórico e resolveu organizar uma visita de campanha ao bairro para comprar chocolate da Maison Bouillet, de Sébastien Bouillet, famoso *patissier* local. De um lado da calçada, 50 pessoas o apoiavam. De outro, 200 protestavam. A segurança já estava a postos para sua chegada. Sentindo que a situação ia de-

gringolar, Sarkozy cancelou a visita. Foi a primeira e única vez que ele teve que mudar plano numa viagem de campanha.

Mas isso nem de longe significa que o campo está ganhando para Ségolène Royal. Os socialistas perdem terreno na própria esquerda, como admite Abdelkader Selmi, 25 anos, doutorando que faz pesquisa num laboratório sobre o câncer. Selmi é membro do PS local e militante do



JOVENS COMUNISTAS no bairro de Croix Rousse, que tem fama de berço da resistência operária francesa

Movimento de Jovens Socialistas do departamento. Ele, que faz parte de um grupo que distribui todos os dias panfletos nas aglomerações da cidade, constatou:

— Cidades na França estão virando à direita porque os eleitores de direita votam. Infelizmente, o eleitorado de esquerda está um pouco decepcionado com a experiência da esquerda no poder (era Mitterrand). Estamos trabalhando para motivá-los e mostrar que se não fizemos tudo o que eles esperavam foi por falta de meios, não de vontade.

Selmi teme que boa parte do eleitorado de Lyon vote no extremista de direita Jean-Marie Le Pen. Ele vê o risco de, no nível nacional, Le Pen ultrapassar os 14% anunciados nas sondagens. O mesmo sentimento de incerteza tem Jules Joassard, militante local do PS.

Lyon é bem menos de direita do que outras cidades na França, explica ele, “mas não é completamente de esquerda”. Lyon foi governada pela direita de 1970 até a vitória do prefeito socialista em 2001, o que foi, segundo ele, uma surpresa.

— Não sabemos o que pode acontecer no primeiro turno. Os eleitores estão muito indecisos e divididos. A esquerda pena para ser ouvida nas classes populares — constata Joassard.

Ele culpa personalidades do próprio partido por não assumirem posições claras da esquerda (como Bernard Kouchner, ex-ministro e ex-deputado europeu) e a mídia “por caricaturar o programa de governo do PS”. Para Joassard, Le Pen “permanece um perigo”.

Socialistas são criticados por não serem de esquerda

Mesmo no bairro da Croix Rousse, o PS perde espaço. Um exemplo é Laurent, que mora num apartamento típico da época dos tecedores de seda, de teto bem alto. Ele trabalha na indústria mecânica e se define como um eleitor de esquerda. Detesta Sarkozy, “um homem do confronto, próximo das idéias do extremista Le Pen”. Mas faz parte da leva de decepcionados com o governo do ex-presidente socialista François Mitterrand. A candidata do PS não o convence. Ele hesita entre votar pelos ver-

des ou por José Bové, o líder altermundialista.

— Se os socialistas fizerem uma política de esquerda, eu votaria neles. Mas não é o caso.

Para ele, Lyon, apesar de estar sob o comando de um socialista, é uma cidade de direita.

— Quando o prefeito (socialista) foi eleito, nós dissemos: enfim, um prefeito de esquerda. Mas, fazendo o balanço, não vemos grande coisa de esquerda.

Robert Luc, jornalista e historiador conhecido no bairro, é outro decepcionado com o PS, sobretudo depois da passagem de Mitterrand pelo governo.

— O PS não soube escutar os trabalhadores — constata, dizendo, entretanto, que vai votar em Ségolène para impedir a chegada ao poder de Sarkozy, “um homem perigoso porque é muito reativo”.

Num bar de anarquistas da Croix Rousse, Jean Luc d'Aleo está desiludido com a política. Vai votar em branco. Isso não contribui para a vitória da extrema-direita? Ele responde:

— Pois que venha Le Pen. Com ele, em 6 meses, a França entra em guerra civil. ■

‘Sarkozy representa o perigo da França do confronto’

Najat Belkacem, porta-voz de Ségolène Royal, diz esperar que a esquerda vote unida para evitar surpresas



NAJAT BELKACEM: mobilização

ENTREVISTA

Najat Belkacem

• LYON. Najat Belkacem, porta-voz da candidata do Partido Socialista, Ségolène Royal, sonha com um confronto entre direita e esquerda no segundo turno das eleições presidenciais da França. Neste cenário, aposta ela, Ségolène ganha. Mas, a três dias do primeiro turno, a porta-voz faz um alerta: Le Pen, o candidato da extrema-direita francesa, ainda permanece um perigo para o país.

O GLOBO: A três dias do primeiro turno das eleições, Nicolas Sarkozy, candidato da direita, lidera as sondagens. Como a senhora explica isso?

NAJAT BELKACEM: Precisamos nos mobilizar mais para que as pessoas votem no domingo. Mas acho que a situação vai ficar mais clara no segundo turno, porque vamos ter o verdadeiro confronto de dois projetos de sociedade, se Ségolène Royal e Nicolas Sarkozy saírem vitoriosos do combate do primeiro turno. Será o combate da sociedade ultraliberal de Sarkozy contra a sociedade coerente e unida que Ségolène Royal propõe

• A ascensão de François Bayrou, candidato de centro, e de Le Pen, o extremista da direita, inquietam os socialistas?

BELKACEM: A ascensão de Le Pen nos inquieta. Acha-mos que ele está subestimando nas sondagens. Esperamos que Ségolène Royal una o máximo (a esquerda) no primeiro turno para evitar a chegada de um homem-surpresa. Mas não acredito que ele vá passar. Também não acredito que Bayrou vá passar.

• A extrema-esquerda está dividida e vocês contavam

com o apoio dela.

BELKACEM: Sim. Mas eles não estão tão virulentos contra Ségolène Royal porque compreenderam que será preciso o voto útil (votar em Ségolène, a candidata mais forte, para garantir que a esquerda chegue ao segundo turno das eleições). A esquerda está mais unida que em 2002.

• Vocês dizem que Sarkozy é um perigo. Que perigo?

BELKACEM: Ele representa o perigo de uma França da confrontação. Coloca uns contra outros. Ele usa termos da Frente Nacional (par-

tido de Le Pen) quando diz: “ame ou deixe a França” ou ao dizer que pedofilia é determinada geneticamente. É um discurso fatalista, que não acredita que se pode mudar a sociedade. Isso é muito grave.

• Por que parte do eleitorado de esquerda hesita em votar em Ségolène?

BELKACEM: Houve um momento em que se imaginou que a campanha de Ségolène poderia sair da estrada. Mas hoje acho que tudo está mais claro. Quem tem valores de esquerda vai se reconhecer em Ségolène Royal. ■

Corte dos EUA mantém proibição a tipo de aborto

Decisão se refere a método usado em gestações avançadas e pode abrir caminho a outras restrições

• WASHINGTON. Numa decisão apertada, a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu pela primeira vez manter uma proibição em nível nacional sobre um procedimento específico de aborto, usado em etapas avançadas da gravidez, gerando críticas de que o ato restringe direitos da mulher.

Por 5 votos a 4, a corte decidiu que a lei assinada em 2003 pelo presidente George W. Bush, e aprovada antes pelo Congresso, proibindo um procedimento conhecido como nascimento parcial não viola o direito constitucional da mulher ao aborto. Grupos de defesa dos direi-

tos da mulher temem que a medida abra caminho para outras restrições ao aborto. A decisão foi tomada após a posse de dois novos juízes indicados por Bush, o que pode sinalizar uma nova tendência em questões sociais polêmicas.

“Fico contente que a Suprema Corte tenha validado uma lei que proíbe esse procedimento terrível”, disse Bush em nota. “A decisão afirma que a Constituição não se opõe a que os representantes do povo aprovelem leis que reafirmam a compaixão e a Humanidade dos EUA.”

A lei se refere a um procedi-

mento médico conhecido como dilatação intacta e extração, que é realizada nas etapas mais avançadas da gestação. Nesse procedimento, o colo do útero é dilatado e o feto é retirado.

Juíza que votou contra considera decisão alarmante

Os críticos desse procedimento o chamam de nascimento parcial, dizendo que o feto ainda está vivo ao ser retirado. Mas alguns médicos descrevem o procedimento cirúrgico, que em geral ocorre após o primeiro trimestre de gravidez, como o método mais

seguro para reduzir o risco de hemorragia, infecção e outros problemas na gestante.

A decisão de ontem marca a primeira vez que a Suprema Corte valida uma lei que proíbe um método específico de aborto.

— A decisão é alarmante — disse a juíza Ruth Bader Ginsburg, que votou contra, acrescentando que a medida “não leva a sério” decisões tomadas anteriormente pela Suprema Corte em relação ao aborto.

A opinião da maioria, redigida pelo juiz Anthony Kennedy, rejeita o argumento de que a lei deveria ser derrubada por-

que impõe um fardo pesado ao direito da mulher de abortar, que é muito vago ou abrangente e que não prevê exceções para abortos para proteger a saúde da gestante.

“O governo tem um interesse legítimo em preservar e promover a vida do feto”, escreveu Kennedy no documento de 39 páginas.

— A opinião da corte tolera, e na verdade aplaude, a intervenção federal para proibir um procedimento considerado necessário e apropriado em certos casos pelo Colégio Americano de Obstetras e Ginecologistas — contra-argumentou Ginsburg. ■

NOTAS

• TROPAS NA FRONTEIRA

A Venezuela anunciou que vai reforçar a fronteira com a Colômbia, enviando mais tropas à região, onde mantém cerca de 15 mil soldados. O Ministério da Defesa alega que o vizinho vive uma permanente situação de insegurança.

• FOTOS DE BERLUSCONI

O ex-premier italiano Silvio Berlusconi vai processar o paparazzo que tirou fotos suas com cinco mulheres na Sardenha. O ex-premier, que é casado, estava de mãos dadas com as jovens ou as tinha sentadas em seu colo. Seu advogado disse que as fotos foram tiradas ilegalmente.